



UC/FPCE — 2017

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos Portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais e contextuais.

Adriana Sofia Mendes Baptista (e-mail: adriana-baptista@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e da Saúde, sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Canavarro e Doutora Mariana Moura Ramos

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais e contextuais.

Resumo:

O presente estudo pretendeu compreender dos fatores que influenciam o desejo da parentalidade bem como a intenção da sua concretização. Especificamente procuramos compreender de que modos fatores relacionais e contextuais (representações de vinculação e perceção da qualidade do relacionamento familiar) influenciam as motivações negativas e positivas para a parentalidade e, por conseguinte, o desejo de parentalidade. Por outro lado, procurámos ainda compreender em que medida a relação entre o desejo de parentalidade e intenção para a parentalidade poderá ser afetada pela perceção de controlo que os indivíduos têm em relação ao seu contexto.

A amostra foi constituída por 159 homens e 448 mulheres portuguesas sem filhos e com idades compreendidas entre os 18 e 40 anos ($M= 24.83$, $DP=4.82$). A amostra foi recolhida online.

Para o estudo das variáveis foram utilizados os seguintes instrumentos: Subescala Rejeição de estilo de vida sem filhos, avaliando o desejo de parentalidade, do instrumento Fertility Problem Inventory (C. R. Newton, W. Sherrard, & I. Glavac, 1999, versão portuguesa Moura-Ramos, Gameiro & Canavarro, 2008); Escala de Motivações para a Parentalidade (Guedes, Pereira, Pires, Carvalho & Canavarro, 2013); Escala de controlo percebido sobre os planos de parentalidade (Moura-Ramos et al., em desenvolvimento); Experiences in Close Relationships – Relationship Structures (Fraley et al., 2011; versão portuguesa Moreira & Canavarro, 2011); e Family Environment Scale (FES) (Moos & Moos, 1986; Matos & Fontaine, 1992).

Verificamos que as representações de vinculação afetam o desejo de parentalidade através da forma como influenciaram a perceção da relação com a família de origem, afetando as motivações positivas e negativas para a parentalidade. Por outro lado, observamos que um o aumento do desejo da parentalidade está associado ao aumento da intenção para a parentalidade e que a associação entre desejo e intenção é diferente para os diferentes níveis da perceção de controlo. Neste sentido, mesmo que o desejo da parentalidade seja elevado, quando estamos perante indivíduos com uma perceção de baixo controlo, este está associado a valores de intenção mais baixas.

Este estudo permite uma melhor compreensão das razões e motivos subjacentes ao comportamento reprodutivo dos indivíduos.

Poderá mostrar-se útil e com implicações para investigações futuras e prática clínica, nomeadamente para a promoção de uma fertilidade saudável e informada e a criação de políticas que visem aumentar a perceção de controlo sobre os planos reprodutivos dos indivíduos.

Palavras-chave: Parentalidade; Desejo; Intenções; Motivações; Vinculação; Relação familiar; Controlo Percebido

Parenthood desire and intentions of portuguese young adults and adults of reproductive age: the role of individual relational and contextual factors.

Abstract: The purpose of this study is to better understand the factors that influence the desire for parenthood, and intention to accomplish it, we aimed to understand how contextual factors (representations of attachment and perception of the quality of the family relationship) influence the negative and positive motivations for the parenting and, therefore, the desire for parenthood. On the other hand, we explore the association between desire for parenting and intention for parenting, clarifying the moderating role of control perception in the relationship parenthood desire and intention,

The sample consisted in 159 portuguese men and 448 portuguese women without children and aged between 18 and 40 years ($M = 24.83$, $SD = 4.82$). This sample was collected online.

The following instruments were used: Subscale Rejection of the childless lifestyle to evaluate desire for parenthood of the Fertility Problem Inventory (CR Newton, W. Sherrard, & I. Glavac, 1999, Portuguese version Moura-Ramos, Gameiro & Canavarro, 2008) ; Scale of Motivations for Parenthood (Guedes, Pereira, Pires, Carvalho & Canavarro, 2013); Scale of control over parenting plans (Moura-Ramos et al., In development); Experiences in Close Relationships – Relationship Structures (Fraley et al., 2011; Portuguese version Moreira & Canavarro, 2011;) and Family Environment Scale (FES) (Moos & Moos, 1986; Matos & Fontaine, 1992).

Results showed that the representations of attachment affect the desire for parenting by I the association with the perception of the relationship with the family of origin, affecting the positive and negative motivations for parenting. On other way, we observe that an increase in the desire for parenting is associated with increased intention for parenting and that the association between desire and intention is different for the different levels of control perception. Participants with high desire but low perception of control have lower intention values. Conversely, when participants perceived to have high control over their reproductive plans, event although their desire is reduced, the intention to have a child is high.

This study allows a better understanding of the reasons that underlying the reproductive behavior of the individuals.

It may prove to be useful and has implications for future research and clinical practice, namely for the promotion of healthy and informed fertility and the creation of policies aimed at increasing the perception of control over the reproductive plans of individuals.

Key Words: Parenthood; Desire; Intentions; Motivations; Attachment; Family relationship; Perceived Control

Agradecimentos:

À Professora Doutora Cristina Canavarro, pelo empenho, dedicação e profissionalismo que coloca em tudo o que faz. Por “ensinar a pescar em vez de dar o peixe”. Que na minha prática clínica saiba honrar todos os seus ensinamentos.

À Doutora Mariana Moura-Ramos, por todos os desafios que me colocou. Por saber ler as minhas expressões faciais e apaziguar as minhas inseguranças com os seus conhecimentos.

Ao Doutor Marco Pereira, à Doutora Helena Moreira, à Doutora Cláudia Melo, à Doutora Ana Fonseca e à Doutora Stephanie Alves pela partilha de saberes durante todos os seminários.

À Ana Patrícia pelo companheirismo durante esta caminhada que fizemos juntas este ano.

À Alessia e à Cristina, por mesmo longe estarem sempre tão perto.

Ao Tiago pela genuína vontade de ajudar e pela capacidade de ver o lado positivo em tudo.

À Líliana pelas longas conversas, pelos risos...no fundo pela verdadeira amizade.

À Daniela, pelos suspiros, pelas intermináveis chamadas e dúvidas de SPSS. Por todas as vezes que disse “Amiga, tu consegues”.

Ao Fábio, por acreditar e me lembrar constantemente das minhas capacidades. Por compreender cada ausência e por todo o apoio.

À minha família, em especial aos meus pais e irmã, por me amarem incondicionalmente e compreender todas as minhas ausências. Por todos os turnos a mais, todas as horas extras no trabalho, todas as coisas que compraram a menos para si para que a minha instrução fosse sempre o mais importante. Por não terem um “curso na Universidade” mas uma grande sabedoria de vida. Por nunca me deixarem esquecer dos meus valores.

Ao meu tio... Por me ter ensinado a nunca desistir. Que eu saiba lutar pelos meus sonhos como ele lutou pela vida. Para que, esteja onde estiver saiba que nós nunca desistimos dele.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	2
1.1. As motivações para a parentalidade e o desejo da parentalidade	2
1.2. As representações de vinculação e o desejo da parentalidade.....	4
1.3. A qualidade da relação com a família de origem e o desejo da parentalidade	5
1.4. A intenção para a parentalidade.....	6
1.5. A intenção para a parentalidade e a perceção do controlo sobre os planos da parentalidade	7
II - Objetivos e Hipóteses.....	8
III - Metodologia	11
3.1. Participantes	11
3.2. Procedimentos	11
3.3. Instrumentos	12
3.4. Análise dos dados	15
IV - Resultados	16
4.1. Caracterização sociodemográfica da amostra	16
4.2. Caracterização dos planos reprodutivos da amostra.....	17
4.3. Estudo da associação entre as variáveis	18
4.4. Fatores que influenciam o desejo da parentalidade.....	20
4.5. Fatores que influenciam o desejo para homens e mulheres.....	22
4.6. Associação entre desejo da parentalidade e intenção para a parentalidade: Efeito moderador da perceção de controlo sobre os projetos de parentalidade	23
V – Discussão.....	24
VI Bibliografia	31

Introdução

Homens e mulheres têm como um dos principais objetivos para a sua vida, o alcance da parentalidade (Bretherick, Fairbrother, Avila, Harbord & Robinson, 2010; Lampic, Svanberg, Karlström & Tydén, 2006; Peterson, Pirritano, Tucker & Lampic, 2012; Roberts, Metcalfe, Jack & Tough, 2011; Sørensen et al., 2016). Apesar da parentalidade parecer um desejo quase universal, a verdade é que existe uma tendência de declínio da fecundidade, mais acentuada desde 2010, colocando Portugal entre os países da União Europeia com os níveis mais baixos do Índice Sintético de Fecundidade: 1.35, sendo a média da União Europeia de 1.57 crianças por mulher em 2011 (INE, 2013). Embora tenha existido um aumento de nascimentos em 2016, este foi insuficiente para compensar os números de óbitos, mantendo o saldo negativo (INE, 2017).

Ainda que alguns estudos demonstrem que uma grande percentagem de indivíduos pretendem ter filhos, existe um aumento dos que consideram que a realização pessoal de homens e mulheres não passa essencialmente pela parentalidade (INE, 2014). Porém, é possível descrever Portugal como um contexto caracterizado por atitudes pró-natalistas, em que os valores familiares são vinculados e com uma orientação pouco individualista, onde existe uma grande valorização dos filhos (Cunha, 2005). Os valores relativos à temática da fertilidade em Portugal têm demonstrado que o número de filhos desejados continua a ser superior ao número de filhos efetivos, tendo cerca de 68 % das mulheres e 70% dos homens menos filhos do que desejariam (INE, 2013). Através do Inquérito à Fecundidade, em 2013 (INE, 2014) foi possível, pela primeira vez em Portugal analisar a fecundidade realizada, o número de filhos que os participantes gostariam de ter, o número de filhos considerado ideal para uma família e o número de filhos que pretendiam ainda vir a ter, numa amostra representativa de homens e mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 49 anos para as mulheres e entre os 18 e os 54 anos para os homens. Os resultados deste estudo demonstraram que, em 2013, em média os indivíduos tiveram 1.03 filhos, pensavam vir a ter no máximo 1.77 mas desejariam ter 2.31 filhos.

Atendendo a estes dados é possível verificar uma discrepância entre os diferentes valores apresentados, por outro lado parecem emergir novos conceitos, verificando-se uma separação entre o desejo e a intenção de ter ou não filhos. Parece-nos fundamental clarificar estes dois conceitos: o desejo da parentalidade e a intenção de parentalidade. Na realidade, o desejo para a parentalidade parece representar uma motivação ou desejo intrínseco do indivíduo, e por isso não afetado pelas circunstâncias da vida, por outro lado, as intenções para a parentalidade fazem o sujeito tomar em consideração as influências situacionais, intrapsíquicas e os desejos dos outros significativos (Miller, Severy & Pasta, 2004).

Como referido anteriormente, o número de filhos de indivíduos portugueses em idade reprodutiva tem sofrido um decréscimo ao longo dos

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

anos, existindo um foco nas intenções dos indivíduos e posterior comportamento de procriação, porém os dados parecem mostrar, não que o desejo de parentalidade, mas sim a intenção de parentalidade é que tem sofrido alterações ao longo do tempo. Ou seja, os jovens adultos portugueses parecem pretender ter menos filhos que as gerações anteriores, mas o desejo pela parentalidade continua a ser elevado. Se anteriormente estes conceitos pareciam traduzir-se no mesmo constructo, atualmente parecem ser díspares. Compreender esta discrepância implica antes de mais perceber os fatores que influenciam estas duas disposições: a vontade de ter filhos e a intenção de ter filhos no futuro. Neste estudo, pretendemos compreender que fatores influenciam o desejo da parentalidade assim como os compreender os fatores que facilitam a passagem do desejo para a sua intenção.

I – Enquadramento conceptual

1.1. As motivações para a parentalidade e o desejo da parentalidade

Como verificamos anteriormente, o desejo da parentalidade é algo quase universal para homens e mulheres. Porém, num contexto onde cada vez mais outras opções são escolhidas como forma de autorrealização para além da construção da família, como o desejo de uma progressão na carreira, a estabilidade profissional e financeira, o gosto por novas experiências, como viajar ou o investimento na formação académica (Benzies, Tough, Tofflemire, Frick, Faber, & Newburn-Cook, 2006; Foster, Biggs, Ralph, Arons e Brindis, 2008; Sørensen et al. 2016;) que motivos têm estes indivíduos para desejarem ou não a parentalidade?

Antes de mais, designamos as motivações como uma força psicológica ou disposição que os indivíduos têm para pensarem, sentirem e comportarem-se de uma determinada forma, capaz de os impulsionar para o objetivo ou necessidades que pretendem satisfazer (Miller et al., 2004). Ou seja, um indivíduo perante uma avaliação favorável de um determinado comportamento terá uma disposição maior para se envolver no mesmo, enquanto, perante uma avaliação desfavorável terá uma disposição menor para se envolver (Miller et al., 2004). No decorrer do estudo considerámos dois traços motivacionais, que designamos como motivações positivas ou motivações negativas para a parentalidade.

Atentando no contexto Português (INE, 2014), a vontade de ver os filhos crescer e desenvolverem-se, a realização pessoal e ver a família a aumentar são referidas como as principais motivações positivas para homens e mulheres decidirem terem filhos. Por outro lado, o mesmo estudo relata que os custos financeiros associados a ter filhos, a dificuldade em conseguir emprego e a importância atribuída ao tempo para outras coisas importantes na vida são os motivos negativos mais apontados pelos mesmos para não terem filhos. Atendendo a estes dados é possível perceber a confusão existente na

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

literatura em relação aos constructos utilizados. Ou seja, as motivações negativas para a parentalidade aqui mencionadas parecem referir-se no fundo a obstáculos que os sujeitos percebem para a construção da sua intenção de ter ou não filhos e não às motivações que os fazem desejar ou não ter uma criança.

Por outro lado, estas motivações positivas e negativas poderão estar presentes ao mesmo tempo nos indivíduos. Numa amostra Iraniana, os participantes com níveis superiores de motivação positiva para a parentalidade tendiam a ter também níveis superiores para o motivações negativas para a parentalidade, parecendo existir uma ambivalência motivacional perante aceitar ou não a parentalidade nestes participantes (Pezeshki, Zeighami & Miller, 2005).

Se as motivações positivas para a parentalidade impulsionam o indivíduo a ter filhos, as motivações negativas para a parentalidade impulsiona-o para a direção oposta. Estas motivações têm importâncias díspares para diferentes sujeitos podendo transparece em várias áreas da vida do indivíduo como: num nível individual (a motivação do próprio indivíduo para a sua parentalidade, ex. como geradora de autorrealização), num nível relacional (ex. a motivação para a parentalidade como propiciadora de fortalecimento conjugal), assim como num nível contextual (ex. a motivação como um cumprimento das expectativas sociais) (Guedes, Carvalho, Pires e Canavarro, 2011).

Por outro lado, o valor intrínseco que a criança propicia ao indivíduo pode definir-se enquanto valor económico (como cuidadora do sujeito na velhice), emocional (como capaz de propiciar qualidade no relacionamento com o parceiro do sujeito) ou social (como capaz de transmitir o status de adulto numa determinada comunidade ou grupo) (Holland & Keizer, 2015).

Segundo Pezeshki, Zeighami e Miller (2005) a motivação positiva para a parentalidade apresenta valores mais baixos para os indivíduos com residência urbana e um nível de educação e renda superiores. Atendendo às diferenças verificadas entre homens e mulheres, o estudo refere que as diferenças nas motivações encontram-se relacionadas com o contexto no qual o estudo foi desenvolvido, o contexto da cultura Iraniana, onde as mulheres valorizaram mais o cuidar da criança como uma motivação para querer ter filhos, enquanto os homens valorizaram o cumprimento religioso através da maternidade. De uma forma geral, estes participantes valorizaram três motivos importantes para se tornarem pais: ter um filho bem-sucedido e capaz de cooperar na sociedade; ter um filho que satisfaz o seu cônjuge fortalecendo o seu relacionamento conjugal e ter um filho que seja uma fonte de apoio no decorrer da vida do sujeito. Num outro contexto cultural, Langdridge, Sheeran e Connolly (2005) verificaram na sua amostra de 897 participantes residentes no Reino Unido, que os homens em comparação com as mulheres valorizavam mais a continuidade do nome da família, as vantagens para o relacionamento e a diversão como principais motivos para terem uma criança. Por outro lado, as mulheres referiram o impulso biológico como um motivo importante para terem filhos.

Numa outra amostra com características diferentes, 108 casais sem

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

filhos involuntariamente, Van Balen e Trimbles-Kemper (1994) ao estudarem as motivações para a parentalidade dos participantes destacaram que as motivações no domínio da continuidade e do domínio social raramente foram mencionadas pelos participantes. Para as mulheres a identidade da maternidade é considerada mais importante quando comparada com os homens, que valorizavam mais o anseio da felicidade, os sentimentos de paternidade e a otimização do bem-estar como motivos mais fortes para querer filhos. Nesta amostra, as motivações relacionadas com a identidade e desenvolvimento da maternidade\paternidade estavam correlacionadas com o desejo intenso de ter filhos. Também o número de filhos desejado parece associar-se ao tipo de motivações para a parentalidade que o sujeito tem. Segundo Miller e Pasta (1988) ao analisarem 311 mulheres casadas e sem filhos constataram que quanto mais filhos as mulheres da amostra desejavam maior era a sua motivação positiva para a parentalidade, por outro lado, quanto menor a sua motivação positiva para a parentalidade, menor o número de crianças desejadas. O mesmo estudo refere ainda que uma idade mais avançada estava associada a motivações menos positivas e motivações mais negativas em relação à gravidez. Ainda num estudo de Barber (2001) verificou-se que as atitudes positivas em direção às crianças e à maternidade dos participantes, estavam associadas a um aumento da maternidade conjugal e constituíram-se fortes preditoras do momento do primeiro parto concebidos no contexto matrimonial.

Neste sentido, como pudemos verificar a literatura tem demonstrado que as motivações são importantes preditores do desejo de parentalidade. Porém, estas motivações para a parentalidade e o desejo de parentalidade são eles próprios o resultado de outros processos antecedentes, relacionais e contextuais, que influenciam a orientação para a parentalidade como um objetivo de vida.

1.2. As representações de vinculação e o desejo da parentalidade

Segundo a teoria da vinculação (Bowlby 1969) as experiências iniciais do sujeito com as figuras de vinculação moldam os pensamentos, sentimentos e comportamentos ao longo da vida nas relações com os outros, onde modelos de trabalho internos são construídos baseando-se nas expectativas que os indivíduos têm das respostas dos outros significativos, servindo como scripts que orientam o comportamento social subseqüente (Bowlby, 1973).

A literatura tem procurado perceber a interação destes modelos internos nas várias relações que os indivíduos têm na idade adulta, nomeadamente no relacionamento com parceiros românticos (Simpson, 1990) ou no relacionamento com os seus filhos (Rholes, Simpson & Blakerly, 1995). É neste contexto que surgem os estudos de Rholes, Simpson e Blakerly (1995). Estes procuram esclarecer o papel das representações de vinculação no adulto e o desejo de parentalidade. No seu estudo com estudantes universitários verificaram que os participantes com uma vinculação do tipo evitante ou ambivalente antecipavam uma menor satisfação no cuidado de crianças pequenas quando comparados com indivíduos com um tipo de

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

vinculação segura. Todavia os participantes com representações de vinculação ambivalente, embora antecipassem uma menor satisfação no cuidado da criança, não estavam menos interessados em ter filhos. Por outro lado, estes autores procuraram perceber que crenças os indivíduos tinham sobre si enquanto pais, verificando que os participantes com modelos mais evitantes ou ansiosos no relacionamento com os outros possuíam construções de si no papel parental mais negativas (modelos internos de trabalho mais negativos) (Rholes, Simpson, Blakely, Lanigan & Allen, 1997). Estes dados são corroborados pelo estudo de Reizer e Mikulincer (2007) onde numa amostra de 110 casais Israelitas sem filhos, o desejo de parentalidade estava associado à capacidade que os participantes tinham em reconhecer as necessidades dos outros e à percepção que estes tinham da sua capacidade para oferecer ajuda. Ou seja, segundo os autores, participantes com um modelo interno mais positivo, com crenças de si como capaz de cuidar do outro e motivados para tal, estava associado a uma motivação positiva para a parentalidade, nomeadamente um desejo de ter filhos, com expectativas de autoeficácia no papel parental e uma minoração dos possíveis obstáculos.

1.3. A qualidade da relação com a família de origem e o desejo da parentalidade

A investigação tem igualmente salientado o papel das representações da vinculação na percepção da qualidade da relação com a família de origem. Ao comparar adultos com um estilo de vinculação insegura com adultos com um estilo de vinculação segura, Diehl, Elnick, Bourbeau e Labouvie-Vief (1998) verificaram que os últimos descrevem tanto a sua família de origem, com a atual de forma mais positiva. Segundo os autores, participantes com um estilo de vinculação segura consideravam a sua família mais positiva em relação ao calor, coesão e conflito percebidos, assim como possuíam pontuações mais elevadas nas dimensões da personalidade, como a sociabilidade, a autoaceitação ou na empatia. Por outro lado, as experiências positivas que os sujeitos vivenciaram no início da sua adolescência, influenciaram de maneira direta a sua fertilidade. Ou seja, segundo Rijken e Liefbroer (2009a), a exposição do sujeito a experiências positivas no seio da vida familiar, no início da adolescência, levaram os participantes a terem mais filhos na idade adulta. Estes dados parecem vir ao encontro do estudo de Guedes et al., (2011) onde é mencionado que as relações familiares gratificantes que alguns sujeitos experienciam na infância podem suscitar a aspiração da continuidade dessas emoções e valores vivenciados.

Também Tretjakova e Mihailova (2016) referem que a experiência emocional positiva durante a infância promove um ambiente emocionalmente saudável dentro do casamento, criando o desejo de ter filhos. No entanto, jovens com relações familiares onde a ocorrência de um divórcio é verificada experienciam uma redução das intenções de parentalidade futura quando comparados com os jovens que cresceram com ambos os pais. Porém este fenómeno pode ser amortecido por experiências positivas com a atual rede familiar (Merz, 2012). Para finalizar, verifica-se que as relações de qualidade

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

com a família na atualidade, preveem intenções positivas de fertilidade em adultos impulsionando o sujeito a transmitir esse padrão de relação para as novas gerações. Segundo os autores, os participantes que consideraram a sua família promotora de apoio emocional, afetiva, próxima, confiável e capaz de oferecer informações durante os momentos decisivos da sua vida, parecem adquirir autoconfiança e auto-estima baseada nessas experiências de relacionamento positivo, levando-os a sentir-se seguros na escolha para a parentalidade (Merz, 2012).

Podemos verificar então que o desejo de parentalidade parece ser influenciado por variáveis relacionais num contexto desenvolvimental. Nomeadamente pela qualidade da relação com a família de origem (Rijken e Liefbroer, 2009a) e pelas representações de vinculação (Rholes et al., 1995; Rholes et al., 1997) que parecem influenciar variáveis individuais como as motivações para a parentalidade (Miller e Pasta, 1988; Van Balen e Trimbles-Kemper, 1994).

A literatura tem mostrado como as motivações positivas para a parentalidade parecem estar relacionadas com um aumento do número de filhos desejados (Miller e Pasta, 1988); as representações de vinculação evitante estão associadas a menor interesse na parentalidade e (Rholes, Simpson & Blakely, 1995; Rholes et al, 1997), a qualidade da relação familiar influencia o número de filhos que os sujeitos têm (Rijken e Liefbroer, 2009a) e o desejo de parentalidade. Com base nesta literatura, hipotetizamos que as representações de vinculação pudessem afetar o desejo de parentalidade através da forma como influenciaram a percepção da relação com a família de origem, afetando as motivações positivas e negativas para a parentalidade. Neste sentido, as representações de vinculação menos evitante ou ansiosa poderão estar associadas a percepções mais positivas da família de origem. Embora não exista literatura específica da ligação entre a percepção da qualidade da relação familiar e as motivações para a parentalidade, parece-nos que uma percepção positiva do relacionamento familiar, como mais expressivo e coeso com menos conflitos e considerado mais gratificante, poderá suscitar motivações positivas para a continuidade dessas relações (Guedes et al., 2011).

1.4. A intenção para a parentalidade

Como mencionado inicialmente, a intenção para a parentalidade desde cedo suscitou interesse dos investigadores, nomeadamente a relação entre a intenção para a parentalidade e o comportamento de procriação. Todavia, parece existir, ainda na atualidade, uma lacuna na literatura entre a relação do desejo da parentalidade e a intenção para a mesma.

No contexto das intenções para a parentalidade, estas têm sido mencionadas como boas preditoras da procriação efetiva. Apesar de a literatura demonstrar que o comportamento reprodutivo se encontra geralmente abaixo do planeado e desejado pelos sujeitos, as intenções para a parentalidade possuem um grande poder preditivo sobre o comportamento de

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

procriação real (Meggiolaro, 2010). Por outro lado, Schoen, Antone, Kim, Nathanson e Fields (1999), destacaram o papel da certeza que os sujeitos têm de cumprir as suas intenções. No seu estudo mencionam que a probabilidade dos participantes terem um nascimento planeado está fortemente associado às suas intenções de fertilidade e à certeza das mesmas, por parte do sujeito.

Berrington (2004) procurou perceber se as intenções de fertilidade persistiam no tempo, porém observou a existência de alterações significativas após seis anos na dimensão da família pretendida, nomeadamente nas mulheres mais jovens, verificando que estas tendem a superestimar a sua fertilidade futura, revendo as suas intenções ao longo do tempo para baixo.

As ações são normalmente controladas pelas intenções, porém, como referido anteriormente nem todas as intenções são efetivadas ou alcançadas, parecendo serem abandonadas ou modificadas para se adaptarem às novas circunstâncias em que o indivíduo opera.

1.5.A intenção para a parentalidade e a perceção do controlo sobre os planos da parentalidade

O indivíduo que pretende ter filhos poderá deparar-se com diversos obstáculos, nomeadamente a nível económico, com a diminuição dos subsídios familiares, em Portugal, que visam aliviar os custos diretos da criança e aumentar a qualidade de vida da mesma (Kalwij, 2010); a existência de um sistema de proteção social menos completo, dependendo menos apoios e considerando que a assistência informal deve ser resolvida na rede familiar (González, 2007); ou o agravamento das questões financeiras (Testa e Gietel-Basten, 2014), aspeto mencionado como significativo nas decisões sobre a parentalidade de alguns sujeitos (Benzies et al., 2006; Foster et al., 2008; Roberts et al., 2011; Mills, Rindfuss, McDonald & Te Velde, 2011). A nível relacional, atendendo que o comportamento reprodutivo é contextualizado numa relação de díade, a disponibilidade do parceiro adequado (Buber-Ennger & Fliegenschnee, 2013) e as preferências e desejos do mesmo são elementos que interagem nas intenções férteis e comportamentos dos sujeitos (Beckman, 1984; Thomson, 1997; Thomson, McDonald & Bumpess, 1990), também a qualidade da relação poderá propiciar de inibir o comportamento de procriação

Nos contextos adversos encontramos ainda a infertilidade. De facto, num estudo de Sol Olafsdotir, Wikland e Moller (2011), os casais da sua amostra só aceleraram os processos de procura de ajuda para a concretização da parentalidade quando o medo da infertilidade estava presente.

Perante alguns destes contextos, o suporte social prestado por significativos, amplifica os recursos dos casais, colmata as lacunas institucionais, fornece apoio instrumental e emocional (Tanskanen & Rotkirch, 2014; Themese & Liefbroer, 2013; Wheelock & Jones, 2002), aumentando a perceção de suporte social do sujeito e a perceção do controlo dos sujeitos para a parentalidade. Na perceção do controlo, o sujeito procura a presença de fatores que facilitem ou inibam o comportamento de ter um filho

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

(Ajzen, & Klobas, 2013).

Em termos de controlo percebido pelos sujeitos, Cooke, Mills e Lavender (2012) constataram que as participantes da sua amostra, mulheres com mais de 35 anos, mencionavam que embora o sentimento de prontidão para ter um filho existisse, as suas circunstâncias percebidas não apoiavam o seu desejo. Estas participantes sentiam que não tinham o controlo final do momento para engravidar, nomeadamente perante fatores que consideravam essenciais: a estabilidade financeira, uma relação estável, saúde e fertilidade. Também Sol Olafsdottir, Wikland e Möller (2011) verificaram que os casais da sua amostra sentiam que antes de tomarem a decisão de conceber, existiam requisitos que necessitavam de estarem cumpridos, como: condições sociais estáveis, uma relação estável, uma idade apropriada e um desejo mutuo com o seu parceiro de ter uma criança.

Neste contexto, hipotetizamos que os obstáculos percebidos pelos indivíduos, ao originarem uma menor perceção de controlo do indivíduo sobre a sua vida futura (ex. segurança laboral, financeira; poderiam influenciar a intenção de ter filhos no futuro, comprometendo o seu desejo de ter filhos.

O presente estudo

A investigação existente no âmbito da parentalidade tem-se centrado essencialmente no estudo separado de alguns fatores isolados e os seus impactos no desejo da parentalidade ou nas intenções parentais, existindo uma escassez de estudos que clarifiquem quais os fatores envolvidos no desejo de ter filhos e a sua efetiva concretização. Por outro lado, a literatura tem-se debruçado no valor preditivo das intenções para a procriação real, existindo uma lacuna sobre os antecedentes da intenção parental, como o desejo da parentalidade.

Com o intuito de colmatar algumas lacunas existentes na literatura este estudo procurou perceber os fatores de afetam o desejo da parentalidade e a sua relação com as intenções para a parentalidade.

II - Objetivos e Hipóteses

O presente estudo tem como objetivos:

- 1) Compreender de que modo fatores relacionais contextuais (representações de vinculação e perceção da qualidade do relacionamento familiar) influenciam as motivações negativas e positivas para a parentalidade e, por conseguinte, o desejo de parentalidade.

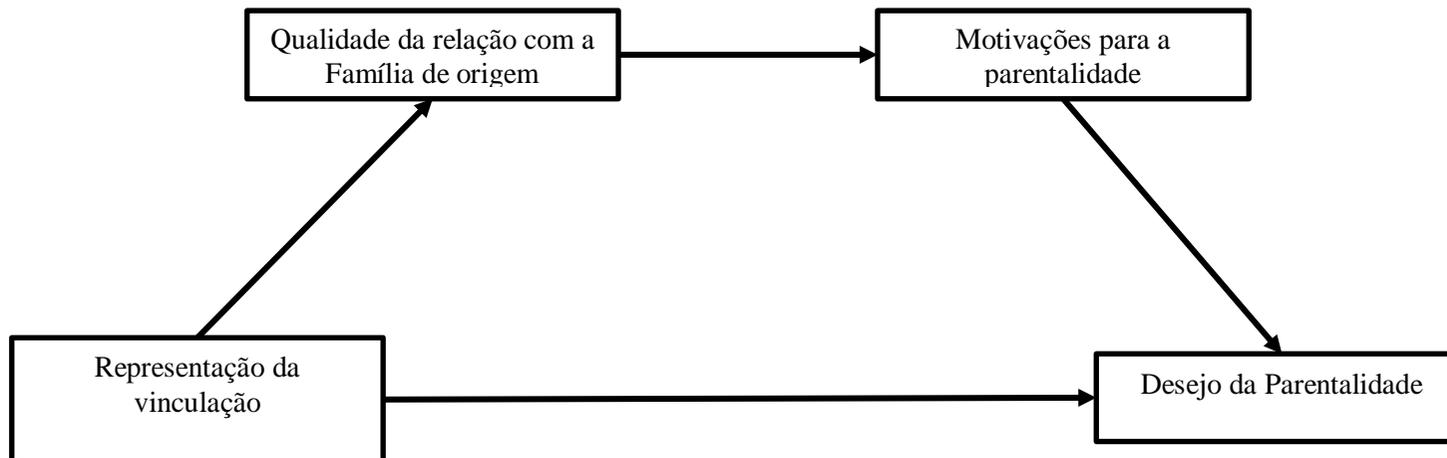
Na figura 1 podemos observar o modelo geral utilizado.

Foi colocada a hipótese de que valores menos elevados das

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

representações de evitamento e ansiedade da vinculação estejam associados a uma visão mais positiva da qualidade da relação com a família de origem, que por sua vez se associa a níveis superiores de motivação positiva para a parentalidade e a um aumento do desejo para a mesma. Por outro lado, um nível mais elevado das representações de evitamento ou ansiedade da vinculação espera-se que estejam associados a uma visão menos positiva da qualidade da relação com a família de origem. Esta visão prever-se estar associada a níveis superiores de motivações negativa para a parentalidade e estes a um menor desejo da parentalidade. Este modelo foi testado em homens e mulheres.

Figura 1. Modelo Geral de Mediação.



Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

Adriana Sofia Mendes Baptista (e-mail:adriana-baptista@hotmail.com) 2017

- 2) Explorar a associação entre desejo de parentalidade e intenção para a parentalidade, explicitando o papel moderador da percepção de controlo na relação entre aquelas variáveis:

Colocamos a hipótese de que para os participantes com uma percepção de controlo superior exista uma relação forte entre o desejo e a intenção para a parentalidade em comparação com os níveis baixo e medio de percepção de controlo

III - Metodologia

3.1. Participantes

O presente estudo incluiu uma amostra constituída por 607 participantes de nacionalidade Portuguesa (159 homens e 448 mulheres), com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos e idade média de 24,83 anos (DP= 4,82) Os motivos de inclusão para participação no estudo eram que os participantes:

- 1) não tivessem filhos nem estivessem a tentar engravidar ou a viver uma gravidez.
- 2) uma idade compreendida entre os 18 e os 40 anos.
- 3) não tivesse diagnóstico de infertilidade.

3.2. Procedimentos

O protocolo de avaliação foi disponibilizado para preenchimento online, entre os meses de Fevereiro e Maio de 2017.

O recrutamento dos participantes obedeceu a um processo de amostragem por conveniência, por meio da amostragem Bola de Neve. O questionário foi divulgado através de correio eletrónico e das redes sociais onde foi promovida informação acerca dos objetivos do estudo, a função dos participantes e dos investigadores (e.g. assegurar a confidencialidade e anonimato) e o link de acesso à plataforma (online survey - plataforma limesurvey, do website da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra). Acedido o link, como forma de atestar o consentimento para a participação no estudo, os participantes antes de iniciarem o protocolo, responderam à questão: Aceita participar neste estudo? O protocolo incluiu diversos instrumentos, descritos em seguida, sendo 15 minutos o tempo previsto para a sua realização.

Não foi dada qualquer compensação monetária ou de outro tipo aos participantes. O estudo teve a aprovação da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico foi concebido para este estudo com o objetivo de particularizar a amostra no que concerne ao sexo, idade, habilitações literárias, área de residência, profissão, situação profissional, nível socioeconómico, situação relacional e nível de satisfação com a relação atual (ex. “Como avalia, usando a escala de 1 (*Muito insatisfeito*) a 5 (*Muito satisfeito*), a satisfação com a sua relação íntima?”).

3.3.2. Questionário sobre a Situação Reprodutiva e Intenções para a parentalidade

Este questionário, elaborado para o presente estudo, teve como finalidade objetivar as intenções reprodutivas dos participantes da amostra.

Os participantes foram questionados acerca do desejo de ter um filho no futuro (ex. “Em relação a ter filhos no futuro: Tenho a certeza que quero ter filhos no futuro; Ainda tenho dúvidas, mas estou mais inclinado para querer ter filhos no futuro; Tenho a certeza de que não quero ter filhos; Ainda tenho dúvidas, mas estou mais inclinado para não querer ter filhos no futuro”). Os participantes que mostraram desejo de ter pelo menos um filho, foram questionados quanto ao número de filhos que o tencionavam ter, a sua idade aquando do primeiro nascimento e se a intenção de ter filhos é concebida no contexto da sua relação íntima atual (ex. “Os planos de ter filhos são no contexto da relação íntima atual?”).

Para avaliar a intenção, os participantes foram questionados acerca da intenção de ter um filho num plano temporal (ex. “pretendo ter o meu primeiro filho antes dos 34 anos”) utilizando uma escala do tipo likert de 5 pontos (1- *discordo totalmente* a 5- *concordo totalmente*).

Para finalizar, utilizando uma escala do tipo likert de 10 pontos (1- *nada* a 10- *muitíssimo*), o sujeito identifica o quão importante é para si ter filhos.

3.3.3. Desejo da Parentalidade

Com o objetivo de avaliar o desejo da parentalidade na vida dos sujeitos, foi utilizada a subescala Rejeição de Estilo de Vida sem Filhos (FPI; C. R. Newton, W. Sherrard, & I. Glavac, 1999) da versão portuguesa Fertility Problem Inventory, (Moura-Ramos, Gameiro & Canavarro, 2008). Esta subescala comporta 8 itens do FPI que avaliam a rejeição por parte do sujeito de um estilo de vida ou estatuto sem filhos onde a satisfação e felicidades futuras dependem do nascimento de um filho, existindo uma dificuldade em perceber outros aspetos como satisfatórios (Item 1- “*Os casais sem filhos são tão felizes como aqueles que têm filhos*”).

Os participantes avaliaram o quanto concordam ou discordam com as oito afirmações apresentadas, numa escala do tipo Likert de 1 a 6 (1 = *Discordo Fortemente*; 2 = *Discordo Moderadamente*; 3 = *Discordo Levemente*; 4= *Concordo Levemente*; 5 = *Concordo Moderadamente* e 6 =

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

Concordo Fortemente).

Na cotação da subescala Rejeição de estilo de vida sem filhos, todos os itens são cotados de forma invertida e a pontuação final da subescala obtém-se através do somatório de todos os itens, podendo oscilar entre os valores 8 e 48. Valores mais altos revelam uma visão mais negativa do sujeito em relação a uma vida sem filhos. A consistência interna mostrou um coeficiente alfa de 0.90.

3.3.4. Motivações para a Parentalidade

A Motivações para a Parentalidade (EMP; Guedes, Pereira, Pires, Carvalho & Canavarro, 2013) foi utilizada para avaliar as motivações positivas e negativas em relação à parentalidade. Esta escala é composta por duas subescalas: Motivações Positivas (26 itens) e Motivações Negativas (21 itens) para a Parentalidade. Ambas as subescalas empregam uma escala do tipo Likert de 5 pontos (de 1- *nada* a 5-*completamente*) para avaliar em que medida os participantes valorizam cada uma das razões apresentada como favoráveis a tornarem-se pai \ mãe (subescala de motivações positivas) ou em que medida valorizam determinada razão como desfavorável a tornar-se mãe\pai (subescala de motivações negativas).

A subescala de motivações positivas para a parentalidade compreende 4 dimensões: os Aspectos Socioeconómicos - incluem motivações extrínsecas relativas às recompensas externas de ter uma criança (Item 23 -“Permitir que o(a) meu (minha) companheiro(a) e eu sejamos reconhecidos como família”); a Realização Pessoal - abrange as motivações intrínsecas relativas às satisfações de ter uma criança (Item 14- “Criar uma pessoa, uma personalidade”); a Continuidade - motivações para continuar com a linha familiar, as suas relações ou legados (Item 2 - “Dar continuidade ao nome da minha família”) e a Relação Conjugal- com o fortalecimento\crescimento de laços no casal (Item 1-“Fortalecer o laço que me une ao meu companheiro”).

A subescala de motivações negativas abarca 5 dimensões: a Exigência da Parentalidade e Imaturidade- referentes às responsabilidades e preocupações sobre os recursos pessoais do papel parental (Item 2 -“ Não ter as qualidades necessárias para ser pai ou mãe”); a Preocupação Social e Ecológica- englobam as preocupações sobre o futuro incerto das crianças atendendo aos riscos sociais e ambientais (Item 6-“Recear pelo futuro de uma criança face ao estado atual do mundo”); o Stress Conjugal- envolve as restrições na autonomia do casal, no seu estilo de vida e intimidade (Item 4 - “Recear que um filho provoque a nossa separação enquanto casal”); os Problemas Financeiros e Restrições Económicas- referenciando os impactos dos fatores socioeconómicos (Item 7-“ Ter de assumir despesas acrescidas com uma criança”) e o Sofrimento Físico e Preocupação com a Imagem Corporal- referente aos efeitos da fecundação sobre o bem-estar da companheira (Item 3 -“Recear sofrer (que a minha companheira sofra) complicações no parto ”). Para o presente estudo apenas pretendemos avaliar as motivações positivas e negativas para a parentalidade, pelo que as dimensões não foram utilizadas. Para as motivações positivas, somatório de todas as subescalas positivas, verificou-se uma consistência interna com um

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

coeficiente alfa de 0.94. Para as motivações negativas, somatório de todas as subescalas negativas, verificou-se uma consistência interna de 0.94.

3.3.5. Perceção de controlo percebido sobre os planos de parentalidade

Esta escala realizada para este estudo (Moura-Ramos et al., em desenvolvimento), avalia a perceção que o sujeito tem da sua capacidade para controlar determinados obstáculos quando decidir prosseguir com a parentalidade. Esta avaliação é realizada numa escala do tipo Likert de 7 pontos variando de 1- *Altamente improvável* a 7- *Altamente provável* (ex. “Uma situação financeira estável”; “apoio instrumental (ajuda no dia-a-dia) da família”). Para a escala total verificou-se uma consistência interna de 0.84.

3.3.6. Experiências em Relações Próximas

Este instrumento de auto-resposta (ECR-RS; Moreira & Canavarro, 2011; Fraley et al., 2011) tem como propósito a avaliação das dimensões ansiosas e evitantes associados à vinculação nas relações próximas. O ECR-RS comporta 9 itens que se subdividem em duas subescalas: 3 itens para a subescala da ansiedade (Item 8. “Tenho medo que estas pessoas me possam abandonar”) e 6 para a subescala do evitamento (Item 1- “Ajuda-me poder contar com estas pessoas em situações de necessidade”). O sujeito é solicitado a preencher o instrumento considerando as suas relações próximas, classificando os itens numa escala de Likert de 1 *Discordo Fortemente* a 7 *Concordo Fortemente*.

A pontuação global de evitamento associada às representações da vinculação pode ser calculada com a média dos itens de 1 a 6, ressaltando que os itens 1,2,3 e 4 são cotados de forma invertida. A pontuação global de ansiedade associada às representações de vinculação pode ser obtida calculando a média dos itens 7 a 9. Para a pontuação global de evitamento e para a pontuação global de ansiedade os resultados variam de 1 a 7, onde os valores mais altos indicam maior evitamento ou ansiedade.

A consistência interna das subescalas de representação ansiosa e evitante da vinculação foi de 0.83 e de 0.66, respetivamente.

3.3.7. Relação com a família de origem

A Family Environment Scale (FES) (Moos & Moos, 1986) adaptada para a população portuguesa por Matos e Fontaine em 1992 foi utilizada com o intuito de avaliar a perceção que o sujeito tem da qualidade das suas relações familiares. Para o presente estudo, foi utilizado apenas a dimensão da Relação Interpessoal. Este instrumento comporta 27 itens respondidos através de uma escala de likert de 6 pontos (1- *Discordo Totalmente* a 6-*Concordo totalmente*).

Esta dimensão comporta três subescalas, cada uma com 9 itens: a subescala da coesão familiar (Item 1-“ Na minha família ajudamo-nos uns aos outros. ”), a subescala do conflito familiar (Item 18- “As pessoas da minha

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

família às vezes agridem-se fisicamente”) e a subescala da expressividade (Item 6- “As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas.”). Para a escala total verificou-se uma consistência interna de 0.72.

3.4. Análise dos dados

Utilizou-se o programa informático software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 22) para o tratamento estatístico dos dados.

Inicialmente procedeu-se à realização de estatísticas descritivas para a caracterização da amostra atendendo a variáveis sociodemográficas, planos reprodutivos e restantes variáveis em estudo. Com o intuito de analisar a associação entre as diferentes variáveis realizaram-se correlações através dos coeficientes de correlação de Pearson. A classificação da magnitude das correlações de Pearson tiveram por base Cohen (1988), onde $r < .30$ foi considerada “baixa”; $r < .50$ considerada “moderada” e $r > .50$ considerada “elevada”.

A utilização dos testes tStudent para amostras independentes e testes chi-quadrado tiveram como finalidade a verificação de diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres em relação às variáveis do estudo.

Com o objetivo de avaliar os efeitos diretos e indiretos da relação entre representações de vinculação e o desejo da parentalidade foram utilizados quatro modelos de mediação. Os modelos de mediação foram analisados através do SPSS PROCESS (Hayes, 2013). Utilizou-se o modelo 6 (mediação sequencial) com as dimensões da representação da vinculação enquanto variável independente, separadamente, a perceção da qualidade da relação com a família de origem e as motivações para a parentalidade positivas ou negativas como variáveis moderadoras e o desejo da parentalidade como variável dependente). Os quatro modelos foram estimados através do procedimento de Bootstrapping (com 10.000 amostras), sendo este um procedimento de reamostragem não paramétrico, que testa os efeitos indiretos incondicionais. Calcularam-se os intervalos de confiança (IC; 95% Bias-Corrected and Accelerated Confidence Intervals) considerando o efeito indireto significativo sempre que o valor zero não estivesse contido no intervalo dos ICs. Testaram-se os modelos separadamente, para homens e mulheres com o intuito de verificar se o efeito indireto permanecia significativo para ambos.

Para finalizar, pretendeu-se analisar o efeito moderador da perceção de controlo percebido sobre as intenções reprodutivas na relação entre o desejo da parentalidade e a sua intenção. Para tal foi utilizado no SPSS PROCESS (Hayes, 2013) o modelo 1 (moderação) a intenção para a parentalidade como VD, o desejo da parentalidade como VI e Perceção de controlo sobre os projetos parentais como variável moderadora, com 3 níveis: alto, médio e baixo).

Verificou-se a significância para a variável preditora, moderadora e para a interação de ambas, assim como o valor de β . Para uma melhor visualização dos resultados foi construído um gráfico.

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

IV - Resultados

4.1. Caracterização sociodemográfica da amostra

A amostra é composta por 607 participantes (159 homens e 448 mulheres) entre os 18 e os 40 anos, sem filhos e não se encontrando a tentarem engravidar.

Na tabela 1, apresentamos a caracterização sociodemográfica da amostra.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra

	Total	Sexo		t	p
	N=607	Masculino N= 159 (26,2%)	Feminino N=448 (73,8%)		
	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Idade	24,83 (4,82)	25,40 (4,86)	24,62 (4,80)	-1.74	0.08
	N (%)	N (%)	N (%)	χ^2	p
Situação Relacional:				6.87	0.03
Solteiro sem relação íntima	213 (35.1%)	68 (42.8%)	145 (32.4%)		
Solteiro envolvido relação íntima	321 (52.9%)	78 (49.1%)	243 (54.2%)		
Casado ou em coabitação	73 (12.0%)	13 (8.2%)	60 (13.4%)		
Habilitações literárias				27.42	< 0,01
12 Ano ou menos	210 (34.6%)	82 (51.6%)	128 (28.6%)		
Licenciatura	272 (44.8%)	52 (32.7%)	220 (49.1%)		
Mestrado	172 (20.6%)	25 (15.7%)	100 (22.3%)		
Situação profissional				17.50	< 0.01
Estudante	297 (48.9%)	63 (39.6%)	234 (52.2%)		
Empregado por conta própria	41 (6.8%)	13 (8.3%)	28 (6.3%)		
Empregado por conta de outrem	195 (32.1%)	70 (44.0%)	125 (27.9%)		
Desempregado	31 (5.1%)	7 (4.4%)	24 (5.4%)		
Outra situação profissional	43 (7.1%)	6 (3.8%)	37 (8.3%)		
Nível socioeconómico				3.68	0.16
Alto	6 (1.0%)	3 (1.9%)	3 (0.7%)		
Médio	507 (83.5%)	137 (86.2%)	370 (82.6%)		
Baixo	94 (15.5%)	19 (11.9%)	75 (16.7%)		
Área de residência				2,58	0.28
Urbana	274 (45.1%)	65(40.9%)	209 (46.7%)		
Semi-rural	138 (22.7%)	35 (22.0%)	103 (23.0%)		
Rural	195 (32.7%)	59 (37.1%)	136 (30.4%)		

Os participantes eram homens e mulheres com idade média de 24.83 anos (DP=4.82), na sua maioria estudantes e com habilitações literárias superiores ao 12 ano (65.4%). Residiam maioritariamente em cento urbanos

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

(45.1%) e eram de um nível socioeconómico médio (83.5%). Mais de metade da amostra (64.9%) encontrava-se envolvida numa relação íntima. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas destas características em homens e mulheres, na situação relacional, nas habilitações literárias e na situação profissional.

4.2. Caracterização dos planos reprodutivos da amostra

Atendendo aos resultados da tabela 2 podemos verificar que 63.6% mulheres (N=285) e 57.2% homens (N=91) afirmam ter a certeza de querer ter filhos no futuro, enquanto 3.7% mulheres (N=37) e 8.2% homens (N=13) afirmam terem a certeza de não querer ter filhos.

Em média as mulheres planeiam ter o seu primeiro filho aos 29.40 anos (DP=3.26) e os homens aos 30.51 (DP=3.80), sendo a diferença entre ambos significativa ($t(564) = -3.373$, $p < 0.05$). Em média, os participantes pretendem 1.97 filhos (DP=0.87).

Tabela 2. Caracterização dos planos reprodutivos da amostra

	Total		Sexo		T	P		
	M (DP)	Intervalo	M (DP)	N			M (DP)	N
Número de filhos que gostaria de ter	1.97 (0.87)	0-5	1.78 (0.88)	156	2.03 (0.86)	443	3.12	< 0.01
Grau de importância de ter filhos	7.49 (2.50)	1-10	7.18 (2.74)	159	7.60 (2.40)	448	1.83	0.07
Grau de confiança em relação a ter filhos quando pretende	6.63 (2.22)	1-10	6.90 (2.44)	159	6.53 (2.13)	446	1.79	0.07
Idade que gostaria quando do primeiro filho	29.68 (3.43)	20-40	30.51 (3.80)	144	29.40 (3.26)	422	-3.37	< 0.01
		N (%)		N (%)		N (%)	χ^2	p
Em relação a ter filhos no futuro							6.89	0.08
Certeza de querer ter filhos		376 (61.9%)		91 (57.2%)		285 (63.6%)		
Dúvidas mas inclinado para querer ter filhos		161 (26.5%)		45 (28.3%)		116 (25.9%)		
Dúvidas mas inclinado para não ter filhos		20(3.3%)		10 (6.3%)		10 (2.2%)		
Certeza de não querer ter filhos		50(8.2%)		13 (8.2%)		37 (3.7%)		
Perceção de conseguir ter o filho quando deseja							2.99	0.09
Sim		462 (76.1%)		129 (81.1%)		333 (74.3%)		
Não		145 (23.9%)		30 (18.9%)		115 (25.7%)		
Os planos de ter filhos são no contexto da relação atual							0.40	0.82

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

Sim	294 (76.2%)	68 (78.2 %)	226 (75.6%)
Não	35 (9.1%)	8 (9.2%)	27 (9.0%)
Ainda não pensei	57 (14.8%)	11 (12.6%)	46 (15.4%)

4.3. Estudo da associação entre as variáveis

Foram analisadas as associações entre as diferentes variáveis deste estudo. Atendendo aos resultados da tabela 3, observamos que de uma forma geral o desejo da parentalidade encontrou-se correlacionado positivamente com a perceção da qualidade da relação familiar ($r = 0.196$, $p < 0.01$), a perceção de controlo percebido sobre a parentalidade ($r = 0.296$, $p < 0.01$), a satisfação com a relação íntima ($r = 0.108$, $p < 0.05$) e a intenção para a parentalidade ($r = 0.459$, $p < 0.01$).

Verificamos que a importância atribuída a ter filhos ($r = 0.685$, $p < 0.01$), assim como as motivações positivas para a parentalidade ($r = 0.541$, $p < 0.01$) estavam, de forma elevada, correlacionadas positivamente com o desejo da parentalidade. O desejo da parentalidade encontrou-se correlacionado negativamente com as motivações negativas para a parentalidade ($r = -0.382$, $p < 0.01$) e com a representação ansiosa da vinculação ($r = -0.107$, $p < 0.01$). As análises efetuadas revelaram correlações negativas entre a perceção da qualidade da relação familiar e as duas dimensões da vinculação. Encontramos ainda uma correlação positiva e de magnitude moderada entre o desejo de parentalidade e a intenção para a parentalidade.

Porém se observarmos as associações do desejo da parentalidade e das intenções para a parentalidade com outras variáveis é possível verificar que elas se comportam de forma diferente. Por um lado, o desejo da parentalidade encontra-se correlacionado de forma positiva com a satisfação com a relação íntima ($r = 0.108$; $p < 0.001$), mas esta não se encontra relacionada com a intenção para a parentalidade. Por outro, a magnitude da associação entre o desejo da parentalidade e as motivações positivas ($r = 0.541$, $p < 0.001$) é superior quando comparado à magnitude da associação com a intenção para a parentalidade ($r = 0.344$, $p < 0.001$). Para finalizar, embora sem significância estatística, a associação do desejo da parentalidade com as representações ansiosas da vinculação é negativa ($r = -0.26$) e com a intenção da parentalidade positiva ($r = 0.004$).

Tabela 3. Correlações entre as variáveis em estudo

	M	DP	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Desejo da Parentalidade	27.85	9.69									
Motivações Positivas	2.94	0.80	0.541**								
Motivações Negativas	2.63	0.84	-0.382**	0.028							
Representação Ansiosa da Vinculação	3.30	1.71	-0.26	0.096*	0.202						
Representação Evitante da Vinculação	2.41	1.00	-0.107**	-0.035	0.114**	0.253**					
Relação Familiar	4.32	0.71	0.196**	0.181**	-0.140**	-0.218**	-0.467				
Intenção para a parentalidade	4.00	1.26	0.459**	0.344**	-0.147**	0.004	-0.096*	0,106**			
Perceção de Controlo	5.31	1.00	0.296**	0.312**	-0.186**	-0.042	-0,165**	0,246**	0.245**		
Satisfação com a relação Íntima	4.39	0.75	0.108*	0.145*	0.136**	-0.066	-0,224**	0,234**	0.070	0.243**	
Importância de um filho	7.49	2.49	0.685*	0.530**	-0.228	-0.073	-0,81*	0,189**	0.530**	0.321**	

Nota. * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

Adriana Sofia Mendes Baptista (e-mail:adriana-baptista@hotmail.com) 2017

4.4. Fatores que influenciam o desejo da parentalidade

Foram testados quatro modelos de mediação múltipla para a amostra deste estudo, pretendeu-se analisar tanto os efeitos diretos como os indiretos da relação entre as representações da vinculação (Ansiosa e Evitante) e o Desejo da parentalidade, através da qualidade da relação familiar e das motivações (positivas e negativas) para a parentalidade. As análises efetuadas tiveram por base 5.000 simulações.

Como se pode observar através da tabela 4, para um melhor conhecimento dos efeitos das relações, as análises foram realizadas separadamente para as duas dimensões da vinculação, assim como para as motivações positivas e negativas para a parentalidade.

Tabela 4. Modelos de mediação

Modelo		Trajectoria a	Trajectoria b	Trajectoria c	Efeito direto	Efeito indireto (95% BCCA IC)
1	Ansiedade -Relação Familiar- Motivações Positivas- Desejo	-09 (.02), $p < .001$.24 (.05), $p < .001$	6.41 (.42), $p < .001$	-.33 (.20), $p = .097$	-.14 (-.23; -.75)
2	Evitamento – Relação Familiar- Motivações Positivas- Desejo	-.33 (.03), $p < .001$.24 (.05), $p < .001$	6.35 (.42), $p < .001$	-.52(0.37), $p = .169$	-.50 (-.77; -.28)
3	Ansiedade – Relação Família- Motivações Negativas- Desejo	-.09 (.02), $p < .001$	-.12 (.05), $p = .001$	-4.32 (.44), $p < .01$.48(.22), $p = .028$	-.05 (-.11; -.01)
4	Evitamento – Relação Familiar- Motivações Negativas- Desejo	-.33 (.03), $p < .001$	-.13 (.05), $p < .005$	-4,15 (.43), $p < .01$.03 (.41), $p = .944$	-.18 (-.37; -.03)

Nota: Ansiedade: Representação de vinculação ansiosa; Evitamento: Representação de vinculação evitante; Relação Familiar: Qualidade do relacionamento com a família de origem; Motivações Positivas: Motivações Positivas para a parentalidade; Motivações Negativas: Motivações Negativas para a parentalidade; Desejo: Desejo da parentalidade.

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

Adriana Sofia Mendes Baptista (e-mail:adriana-baptista@hotmail.com) 2017

Atendendo ao modelo 1, que explica 30.59% da variância do desejo da parentalidade, podemos constatar que a representação ansiosa da vinculação encontrou-se relacionada com a perceção negativa da qualidade da relação familiar, de forma significativa, explicando 4.75 % da sua variação. Esta perceção da qualidade da relação familiar encontrou-se associada positivamente às motivações positivas da parentalidade e estas ao desejo parental. Deste modo, participantes com uma representação ansiosa da vinculação menor, parecem perceber uma melhor qualidade da relação familiar com maior ênfase nas motivações positivas em relação à parentalidade e com um maior desejo em se tornarem pais.

Também o modelo 2 explica 30.50% da variância do desejo da parentalidade, onde a representação evitante da vinculação se associou à perceção negativa da qualidade da relação familiar, de uma forma significativa, explicando 21.81 % da variação da mesma. De maneira similar ao modelo anterior, a perceção da qualidade da relação familiar associou-se positivamente às motivações positivas e estas ao desejo da parentalidade. Participantes da amostra com uma representação da vinculação evitante perceberam uma melhor qualidade da relação familiar com maior ênfase nas motivações positivas em relação à parentalidade e com um maior desejo em se tornarem pais.

O efeito direto das dimensões da vinculação (ansiosa e evitante) no desejo da parentalidade não se mostrou significativo ($p > 0.05$).

Foram encontrados efeitos indiretos entre as dimensões Ansiosa e Evitante das representações da vinculação e o desejo da parentalidade, onde este efeito ocorreu através da qualidade da relação familiar e das motivações positivas para a parentalidade (Representação Ansiosa da vinculação: 95% IC = -0.230; -0.759; Representação Evitante da vinculação: 95% IC: -0.766; -0.278).

4.5. Fatores que influenciam o desejo para homens e mulheres

Procuramos analisar o efeito dos modelos, separadamente, para homens e mulheres como se observa na tabela 5.

Tabela 5. Efeito mediador dos modelos 1 e 2 em homens e mulheres

	Homens		Mulheres	
	IC	R ²	IC	R ²
Modelo 1	-0.24 ; 0.07	00.413	-0.28 ; -0.09	00.276
Modelo 2	-1.33 ; -0.24	00.416	-0.73 ; -0.17	00.272
Modelo 3	-0.11 ; 0.02	00.097	-0.15; -0.00	00.215
Modelo 4	-0.36; 0.12	00.101	-0.54; -0.07	00.206

Podemos verificar que nos modelos 1, 3 e 4 para os homens não se

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

verifica um efeito indireto significativo. Ou seja, Não há um efeito indirecto entre as representações de vinculação ansiosa ou evitante e o desejo da parentalidade

4.6. Associação entre desejo da parentalidade e intenção para a parentalidade: Efeito moderador da percepção de controlo sobre os projetos de parentalidade

Com o intuito de verificar de que forma a intenção da Parentalidade varia por ação da percepção de controlo sobre os projetos de parentalidade, quando interage com o desejo parental, realizaram-se análises de moderação.

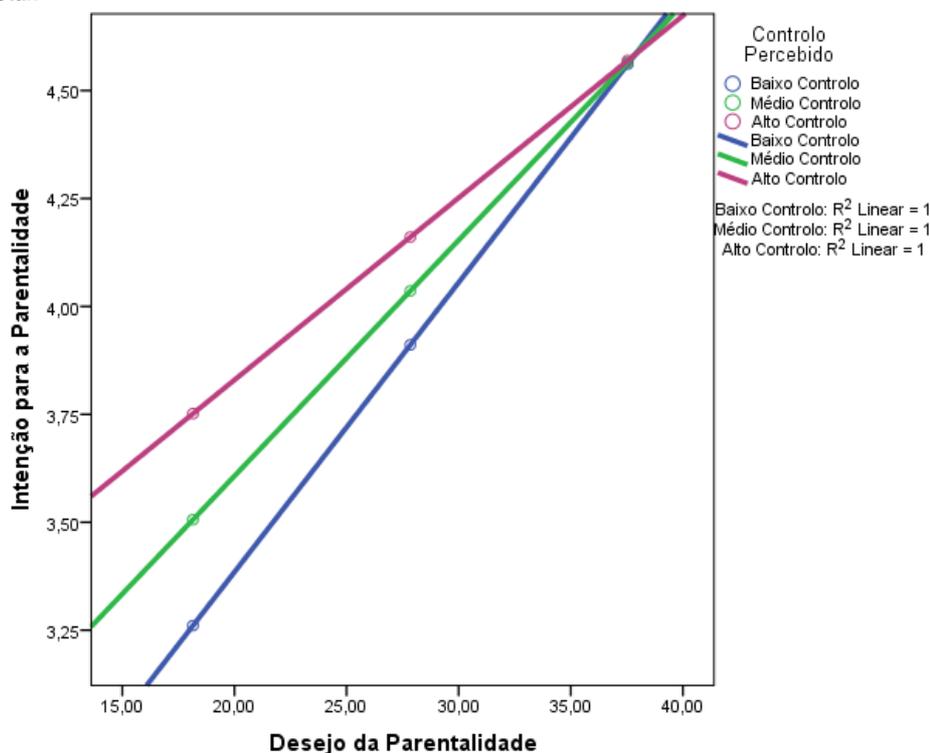
Na amostra total, como podemos verificar pela tabela 6, tanto a variável preditora ($\beta=0.07$, $p <0.01$), como na variável moderadora ($\beta=0.01$, $p <0.01$) revelaram-se significativas, assim como na sua interação ($\beta=-0.00$, $p <0.01$).

Tabela 6. Efeito moderador da percepção de controlo sobre os projetos de parentalidade na relação entre desejo da parentalidade e intenção para a parentalidade na amostra total.

	β	t	p
Percepção de controlo	0.017	3.87	0.00
Desejo da parentalidade	0.071	10.00	0.00
Interação	-0.001	-2.96	0.00

A figura 2 representa a associação entre o desejo da parentalidade e a intenção de ter filhos em diferentes níveis de percepção de controlo. A análise da figura permite, numa primeira leitura, verificar que o aumento do desejo da parentalidade está associado ao aumento da intenção para a parentalidade. Porém, o efeito da interação foi significativo, evidenciando que a associação entre desejo e intenção é diferente para os diferentes níveis da percepção de controlo. Na verdade, esta associação parece ser mais forte nas situações de baixa percepção de controlo.

Figura 2. A relação entre o desejo da parentalidade e a intenção para a parentalidade moderada pela percepção de controlo sobre os projetos de parentalidade, na amostra total.



A análise de cada declive mostrou que a relação entre o desejo de parentalidade e a intenção de ter filhos é positiva e significativa para todos os grupos, mas o declive era mais acentuado no caso de uma percepção de controlo baixo (efeito = .067, $p < 0.001$), nomeadamente quando comparado com a percepção de controlo alta (efeito = .042, $p < 0.001$).

Verificamos que quando o desejo da parentalidade é alto a intenção para a mesma também é elevada nos três grupos. Porém um desejo elevado, no grupo de percepção de baixo controlo associa-se a baixas intenções. No grupo da percepção de alto controlo o baixo desejo da parentalidade está associado a uma intenção mais elevada.

V – Discussão

O presente estudo teve como objetivo compreender os fatores que influenciam o desejo da parentalidade a intenção da sua concretização, utilizando uma abordagem contextual. Neste sentido, procurámos nomeadamente 1) compreender de que modo os fatores relacionais e contextuais (as representações de vinculação e a percepção da qualidade do relacionamento com a família de origem) influenciaram as motivações para a

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

parentalidade (quer positivas quer negativas) e por conseguinte, o próprio desejo da parentalidade; e 2) estudar a associação entre o desejo da parentalidade e a intenção para a mesma, analisando o papel moderador da percepção de controlo na relação entre essas variáveis.

No que se refere ao primeiro objetivo, procurámos testar um modelo que procurava perceber de que forma as representações de vinculação afectavam o desejo da parentalidade através da forma como influenciaram a percepção da relação com a família de origem, afectando as motivações positivas e negativas para a parentalidade.

Os dados obtidos revelam que a percepção da qualidade da relação familiar e as motivações positivas para a parentalidade mediaram a relação entre as representações da vinculação e o desejo da parentalidade. De facto, foi possível observar que níveis mais baixos de ansiedade ou evitamento das representações de vinculação estão associados a uma melhor percepção da qualidade da relação familiar em relação ao calor, à sua coesão e à diminuição de conflitos. Ou seja, estes dados corroboram o estudo de Diehl et al. (1998), onde os ambientes familiares capazes de promover segurança e disponibilidade do outro, com indivíduos com uma vinculação segura levaram os participantes a uma percepção mais positiva da família de origem em comparação com participantes com uma vinculação insegura. Por outro lado, verificámos igualmente que as motivações para a parentalidade interferem igualmente nesta relação. Nesse sentido, verificámos que uma melhor percepção da qualidade da relação familiar estaria associada a níveis mais elevados de motivações positivas para a parentalidade. Parece-nos que relações familiares mais positivas e gratificantes para os participantes levaram a uma maior motivação para a continuação dessas relações com uma nova geração e a um desejo mais elevado da parentalidade, corroborando o estudo de Merz (2012), onde as relações positivas entre as gerações pareciam estimular a transmissão destas relações a uma nova geração, encorajando o desejo da parentalidade.

Quando analisamos os modelos testados, verificámos que os modelos que incluem as motivações positivas da parentalidade parecem explicar melhor o desejo de parentalidade que os modelos que incluem motivações negativas. Se recordarmos as motivações negativas que a população portuguesa considerou como mais relevantes para o desejo da parentalidade (custos financeiros associados a ter filhos e dificuldade em conseguir emprego) (INEM, 2014) é possível perceber que estas motivações negativas para a parentalidade são no fundo obstáculos que os sujeitos percecionam se tiverem filhos, não parecem relacionados com o desejo de os querer mas sim com obstáculos que podem surgir, parecendo estas motivações negativas mais associadas com a intenção e não tanto com o desejo da parentalidade.

Um outro resultado que nos parece importante destacar refere-se à associação entre o desejo da parentalidade e as representações da vinculação. Percebemos que apenas a representação evitante da vinculação se encontra significativamente associada, de uma forma negativa, ao desejo da parentalidade. Estes dados parecem explicitar que participantes com representações evitantes da vinculação rejeitam mais o papel de pais do que

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

participantes com representações ansiosas da vinculação, corroborando os resultados de Rholes et al. (1997). Podemos perceber este resultado à luz dos achados de Bartholomew (1990), que mostram que a representação evitante da vinculação está associada a uma dificuldade em se aproximar e confiar em outros, ou seja, estes indivíduos possuem uma representação dos outros negativa (Moreira et al., 2006). Parece-nos que esta visão negativa dos outros poderá gerar um menor interesse na relação interpessoal logo, o menor desejo em gerar uma relação para a vida, um filho.

Os modelos foram testados separadamente para homens e mulheres. Foi possível perceber que todos os modelos apresentaram-se significativos para o género feminino. Porém, apenas o modelo 2 (Representação Evitante da vinculação – Perceção da qualidade da relação familiar- Motivações positivas para a parentalidade- Desejo) se mostrou significativo para o género masculino. Por um lado, este resultado poderia levar-nos a considerar a existência de um desejo da parentalidade mais associado ao género feminino indo de encontro ao estudo de Stöbel-Richter, Beutel, Finck e Brähler (2005) onde numa amostra de 785 mulheres e 795 homens residentes na Alemanha quando questionados sobre o desejo atual de ter uma criança, verificou que entre os participantes sem filhos, as mulheres apresentaram um desejo mais intenso de ter filhos quando comparadas com os homens, qualificando as crianças como mais importantes para si. Similarmente, Lampic, Svanberg, Karlström e Tydén (2005) também verificaram que na sua amostra de estudantes universitários, que a importância de ter filhos era significativamente superior para as mulheres quando comparadas com os homens.

Todavia, no nosso estudo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres no que concerne ao desejo de ter ou não filhos. Nesse sentido, as diferenças nos modelos de mediação entre homens e mulheres poderam ser devido ao menor número de participantes do sexo masculino (N=159) comparativamente ao número de participantes do sexo feminino (N=448), o que pode ter afectado o poder para detectar efeitos significativos.

No que se refere ao segundo objectivo, procurámos explicar a associação entre o desejo da parentalidade e a intenção para a mesma, procurando perceber se esta relação seria moderada pela perceção de controlo dos indivíduos em relação à prossecução da parentalidade.

É possível observarmos que um o aumento do desejo da parentalidade está associado ao aumento da intenção para a parentalidade. Não nos é possível corroborar ou contrastar este resultado com estudos anteriores uma vez que, existe uma lacuna na associação entre o desejo da parentalidade e a intenção para a mesma, existindo um investimento superior na relação entre a intenção e o comportamento subquente (Meggiolaro, 2010; Schoen et al., 1999). Porém, os resultados permitiram observar uma associação entre desejo e intenção diferente para os diferentes níveis da perceção de controlo, onde a associação parece ser mais forte nas situações de baixa perceção de controlo. Um resultado importante a realçar relaciona-se com o grupo de perceção de baixo controlo e perceção de alto controlo. Apesar do desejo ser elevado,

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

quando estamos perante indivíduos com uma perceção de baixo controlo, este está associado a valores de intenção mais baixas. Ou seja, se o participante se percebe com tendo um baixo controlo sobre os seus planos de parentalidade (perceção de maiores obstáculos a nível económico, no seu relacionamento íntimo, a nível do apoio instrumental ou a possibilidade de não conseguir engravidar) apesar de desejar muito a parentalidade a sua intenção de ter um filho antes dos 34 anos é baixa. Por outro lado, no caso do sujeito perceber um alto controlo sobre os seus planos de parentalidade (perceção de maiores facilidades a nível económico, no seu relacionamento íntimo, a nível do apoio instrumental ou facilidade em engravidar) embora o seu desejo seja reduzido, a intenção de ter um filho antes dos 34 anos é elevada.

Estes dados fazem-nos refletir sobre a importância da perceção do sujeito do que o rodeia enquanto favorável ou desfavorável para a sua intenção para a parentalidade. No contexto Português, Testa e Gietel-Basten (2014) verificaram que os participantes portugueses apresentavam uma perceção de agravamento da situação financeira elevada e que tal perceção apontava para uma maior incerteza no cumprimento das suas intenções parentais. Também Guedes et al. (2011) verificou que os obstáculos económicos percebidos pelos participantes, nomeadamente as restrições e despesas financeiras derivadas do cuidado e educação com um filho influenciavam o número de filhos que os casais tencionavam ter. Também no estudo de Cooke, Mills e Lavender (2012) e de Sol Olafsdottir, Wikland e Möller (2011) se refere a necessidade do preenchimento de determinados requisitos antes de ter um filho como: a estabilidade financeira, uma relação estável, saúde e fertilidade, condições sociais estáveis, uma idade apropriada e um desejo mútuo com o seu parceiro de ter uma criança. É de realçar que na amostra das mulheres com mais de 35 anos (Cooke, Mills & Lavender, 2012), estas mencionaram que não tinham o controlo final do momento de engravidar uma vez que não controlavam estes fatores.

De facto, estes estudos parecem verificar que em contextos onde o sujeito percece como não tendo recursos e capacidades para lidar com as adversidades do contexto em que se insere, altera as suas intenções para a parentalidade. Por outro lado, este estudo acrescenta a variável desejo da parentalidade aos estudos anteriores, ou seja, apesar dos participantes desejarem muito serem pais, se perceberem que não têm recursos e capacidades para lidar com os obstáculos percebidos, a intenção de terem filhos é alterada independentemente do seu desejo.

Por outro lado, muitos sujeitos que têm um menor desejo para se tornarem pais tencionam vir a sê-lo, caso percecionem que possuem um alto controlo sobre os seus planos da parentalidade. Num estudo de Barber, Axinn e Thornton (1999) é nos demonstrados os efeitos negativos de um filho indesejado, onde as mães oferecem menos carinho e apoio social para com os seus filhos, um aumento da violência e menor interação durante o lazer na infância. Apesar deste estudo apenas se referir aos efeitos da criança não desejada e os nossos dados refletirem sobre a criança não desejada mas planeada, consideramos que esta é uma área importante a ser explorada uma vez que a ocorrência de uma criança não desejada, embora planeada, poderá

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

resultar em relacionamentos de qualidade diferente entre pais e filhos.

De uma forma geral, o nosso estudo permitiu compreender como as variáveis desenvolvimentais (como as representações da vinculação e a qualidade da relação familiar) e individuais (como as motivações para a parentalidade) se relacionam com o desejo da parentalidade. Por outro lado, as variáveis contextuais (perceção de controlo sobre os planos da parentalidade) assumem um papel importante na relação entre o desejo e as intenções para a parentalidade. Assim, desejo e intenções são influenciados por variáveis diferentes, logo, corroboramos as nossas afirmações iniciais de que são constructos diferentes, com referido por Miller, Severy e Pasta (2014) e demonstrado no estudo de Santos, Melo e Macedo e Moura-Ramos (Manuscrito submetido revisão) onde se verifica claramente uma discrepância entre os desejo e as intenções para a parentalidade dos 2404 participantes, homens e mulheres portuguesas sem filhos entre 18-45 anos.

Limitações, Pontos fortes e investigações futuras

O estudo apresentado contém algumas limitações que consideramos importante realçar para uma boa interpretação dos resultados:

Em primeiro lugar, tratando-se de um estudo de natureza transversal, não nos permite concluir a relação de causalidade entre as variáveis estudadas. Apesar de todo o modelo apresentado ter sido desenhado refletindo sobre a literatura existente, estas relações podem ser bidirecionais.

Por outro lado, atendendo à amostra e à sua desproporcionalidade, com um número de participantes do sexo masculino reduzido (N=159) comparativamente ao número participantes do sexo feminino (N=448), não podemos assegurar que este facto não tenha influenciado alguns resultados, nomeadamente nas análises do modelo 1, 3 e 4 ao não se mostrarem significativos para os homens. Ainda atendendo às características da amostra é possível verificar que existem diferenças significativas nas habilitações literárias. A amostra é constituída maioritariamente por mulheres com habilitações literárias superiores ao décimo segundo ano e a estudarem no momento presente. Apesar das mulheres do nosso estudo desejarem ter o primeiro filho numa idade ainda dentro da janela da fertilidade (M=29.40, DP=3.26), os estudos indicam que o aumento da escolaridade das mulheres está associado a um adiamento da maternidade devido à dificuldade de conciliar os papéis de estudante e de mãe (Mills et al., 2011) podendo existir diferenças. Por outro lado, o recrutamento da amostra foi realizado apenas de forma online, podendo ter originado uma amostra auto-selecionada, ou seja, apenas os indivíduos interessados nesta temática aceitarem preencher o questionário.

No contexto dos instrumentos utilizados destacamos que a intenção para a parentalidade foi analisada tendo em consideração um item do questionário da situação reprodutiva e intenções de parentalidade (item 2- “pretendo ter o meu primeiro filho antes dos 34 anos”). Ademais, o instrumento utilizado para avaliar a perceção do controlo percebido sobre os

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

planos da parentalidade foi construído para o presente estudo, dificultando as comparações com outros estudos. É ainda importante referir que apesar dos modelos de mediação testados terem recebido um bom suporte empírico com uma boa explicação da variância do desejo de parentalidade, não podemos excluir a hipótese da existência de outras\novas variáveis, mais abrangentes que expliquem a associação entre as representações de vinculação e o desejo de parentalidade.

No sentido de aumentar e complementar o conhecimento sobre a temática, as limitações aqui mencionadas concebem-se também como pistas a considerar para investigações futuras. Mais especificamente, consideramos importante que em investigações futuras sejam utilizados para a amostra também casais. Sendo o comportamento reprodutivo contextualizado numa relação de díade, onde as preferências e os desejos do mesmo são elementos a ponderar e a interagir nas intenções de parentalidade dos participantes (Beckman, 1984; Rijken & Liefbroer, 2009b; Thomson, 1997; Thomson, McDonald e Bumpas, 1990) seria importante analisar a influência nos indivíduos dos seus parceiros. Para finalizar as limitações, verificamos que não existe, para o nosso conhecimento, nenhuma investigação que analise o modelo por nós proposto o que não nos permite fazer comparações. Porém este fator torna este estudo uma fonte de inovação com aspetos positivos a destacar.

Para uma melhor compreensão da baixa fertilidade nas sociedades atuais, nomeadamente em Portugal, é necessário compreender os antecedentes que levam ou não à procriação. Por um lado este estudo é um importante contributo no conhecimento na área na medida em que propõe e investiga modelos que até então não tinham sido analisados, mas guiados pela literatura: procura pela primeira vez analisar de que forma as representações de vinculação em adulto estão relacionadas com o desejo da parentalidade assim como, o efeito que a perceção de controlo sobre os planos da parentalidade (baixa, média ou alta) tem na relação entre o desejo de parentalidade e a intenção de parentalidade.

É de realçar que a amostra apresenta um número razoável de participantes (N=607) com idades diversificadas, dos 18 aos 40 anos, em vez de um grupo etário específico (Rholes et al., 1997). Também a participação do género masculino no estudo afigura-se um contributo importante num panorama onde o género feminino é alvo de uma maior investigação (Roberts, Metcalfe, Jack, & Tough, 2011).

Para finalizar, os resultados desta investigação permitem contribuir para uma melhor compreensão das razões e motivos subjacentes ao comportamento reprodutivo dos indivíduos com a identificação de alguns fatores que explicam e discriminam os indivíduos que pretendem ou não ter filhos. Na vertente prática, estes resultados poderão ser úteis para apoiar e informar os indivíduos durante o processo de tomada de decisão sobre ter ou não filhos, assim como a identificação de algumas variáveis úteis para uma intervenção com vista a promover a fertilidade saudável. Parece-nos também importante destacar que a literatura tem demonstrado que a renúncia a uma intenção de procriação ponderada gera um maior sofrimento, angústia e

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

sintomas depressivos, particularmente entre as mulheres mais instruídas (White & McQuillan, 2006), parece-nos compreensível que um desejo elevado em ter filhos e uma renúncia a esse desejo, com intenções inferiores devido à percepção de baixo controlo sobre os planos da parentalidade, possa gerar sofrimento nestes indivíduos. Estes fatores contextuais poderão não só estar relacionados com o decréscimo da natalidade, uma vez que as intenções são boas preditoras do comportamento reprodutivo (Meggiolaro, 2010), mas também relacionados com um maior sofrimento por parte dos sujeitos que abdicam dos seus desejos. Este estudo permite perceber a importância da criação de políticas que visem aumentar a percepção de controlo sobre os planos da parentalidade dos indivíduos para que os desejos e as intenções dos indivíduos se assemelhem.

VI Bibliografia

- Ajzen, I., & Klobas, J. (2013). Fertility intentions: An approach based on the theory of planned behavior. *Demographic Research*, 29, 203-232. doi:10.4054/DemRes.2013.29.8
- Barber, J. S. (2001). Ideational influences on the transition to parenthood: Attitudes toward childbearing and competing alternatives. *Social Psychology Quarterly*, 64, 101-127. Retrieved from: <http://www.jstor.org/stable/3090128>
- Barber, J. S., Axinn, W. G., & Thornton, A. (1999). Unwanted childbearing, health, and mother-child relationships. *Journal of Health and Social Behavior*, 3, 231-257. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/2676350>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61, 226- 244. doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226
- Beckman, L. J. (1984). Husbands' and wives' relative influence on fertility decisions and outcomes. *Population and Environment*, 7, 182-197. doi:10.1007/BF01255488
- Benzies, K., Tough, S., Tofflemire, K., Frick, C., Faber, A., & Newburn Cook, C. (2006). Factors influencing women's decisions about timing of motherhood. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 35, 625-633. doi:10.1111/j.15526909.2006.00079.x
- Berrington, A. (2004). Perpetual postponers? Women's, men's and couple's fertility intentions and subsequent fertility behaviour. *Population trends*, 117, 9-19. Retrieved from: <https://eprints.soton.ac.uk/34148/>
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Volume II: Separation, anxiety and anger* (pp.201-208). United States of America: Basic Books
- Bretherick, K. L., Fairbrother, N., Avila, L., Harbord, S. H., & Robinson, W. P. (2010). Fertility and aging: Do reproductive-aged Canadian women know what they need to know?. *Fertility and Sterility*, 93, 2162- 2168. doi.org/10.1016/j.fertnstert.2009.01.064
- Buber-Ennsner, I., & Fliegenschnee, K. (2013). Being ready for a child: A mixed-methods investigation of fertility intentions. *Family Science*, 4, 139-147. doi.org/10.1080/19424620.2013.871739
- Cooke, A., Mills, T. A., & Lavender, T. (2012). Advanced maternal age: Delayed childbearing is rarely a conscious choice. A qualitative study of women's views and experiences. *International journal of nursing studies*, 49, 30-39. doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2011.07.013

- Cunha, V. (2005). A fecundidade das famílias. *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Redes Sociais* (pp.395-464). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- Diehl, M., Elnick, A. B., Bourbeau, L. S., & Labouvie-Vief, G. (1998). Adult attachment styles: Their relations to family context and personality. *Journal of personality and social psychology*, *74*, 1656-1669. doi:10.1037/0022-3514.74.6.1656
- Foster, D. G., Biggs, M. A., Ralph, L. J., Arons, A., & Brindis, C. D. (2008). Family planning and life planning: Reproductive intentions among individuals seeking reproductive health care. *Women's Health Issues*, *18*, 351-359. doi:10.1016/j.whi.2008.02.009
- González, L. (2007). The effect of benefits on single motherhood in Europe. *Labour Economics*, *14*, 393-412. doi:10.1016/j.labeco.2006.03.001
- Guedes, M., Carvalho, P. S., Pires, R., & Canavarro, M. C. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, *29*, 535-551. doi:10.14417/ap.102
- Holland, J. A., & Keizer, R. (2015). Family Attitudes and Fertility Timing in Sweden. *European Journal of Population*, *31*, 259-285. doi:10.1007/s10680-014-9333-x
- Instituto Nacional de Estatística & Fundação Francisco Manuel dos Santos (2013). *Inquérito à Fecundidade 2013 (Primeiros Resultados)*. Lisboa: INE
- Instituto Nacional de Estatística & Fundação Francisco Manuel dos Santos (2017). *Estimativas de População Residente em Portugal 2016*. Lisboa: INE
- Instituto Nacional de Estatística & Fundação Francisco Manuel dos Santos (2014). *Inquérito à Fecundidade 2013*. Lisboa: INE
- Kalwij, A. (2010). The impact of family policy expenditure on fertility in western Europe. *Demography*, *47*, 503-519. doi: 10.1353/dem.0.0104
- Lampic, C., Svanberg, A. S., Karlström, P., & Tydén, T. (2005). Fertility awareness, intentions concerning childbearing, and attitudes towards parenthood among female and male academics. *Human Reproduction*, *21*, 558-564. doi:10.1093/humrep/dei367
- Langdridge, D., Sheeran, P., & Connolly, K. (2005). Understanding the reasons for parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *23*, 121-133. doi:10.1080/02646830500129438
- Meggiolaro, S. (2010). The importance of intentions in the mechanism of reproductive behaviour formation. *Statistical Methods & Applications*, *19*, 107-125. doi:10.1007/s10260-009-0115-2

Os desejos e intenções para a parentalidade dos jovens adultos e adultos portugueses em idade reprodutiva: o papel de fatores individuais relacionais, e contextuais.

- Merz, E. M. (2012). Fertility intentions depend on intergenerational relations: A life course perspective. *Family science*, 3, 237-245. doi:org/10.1080/19424620.2013.789976
- Miller, W. B., & Pasta, D. J. (1988). A model of fertility motivation, desires, and expectations early in women's reproductive careers. *Social biology*, 35, 236-250. doi:org/10.1080/19485565.1988.9988704
- Miller, W., Severy, L., & Pasta, D. (2004). A framework for modelling fertility motivation in couples. *Population studies*, 58, 193-205. doi:org/10.1080/0032472042000213712
- Mills, M., Rindfuss, R. R., McDonald, P., & Te Velde, E. (2011). Why do people postpone parenthood? Reasons and social policy incentives. *Human Reproduction Update*, 17, 848-860. doi:org/10.1093/humupd/dmr026
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J. M., ... & Faustino, M. (2006). Experiências em Relações Próximas, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de psicologia*, 4, 3-27. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10400.12/130>
- Peterson, B. D., Pirritano, M., Tucker, L., & Lampic, C. (2012). Fertility awareness and parenting attitudes among American male and female undergraduate university students. *Human Reproduction*, 27, 1375-1382. doi:10.1093/humrep/des011
- Pezeshki, M. Z., Zeighami, B., & Miller, W. B. (2005). Measuring the childbearing motivation of couples referred to the Shiraz Health Center for premarital examinations. *Journal of Biosocial Science*, 37, 37-53. doi:org/10.1017/S0021932003006485
- Reizer, A., & Mikulincer, M. (2007). Assessing individual differences in working models of caregiving: The construction and validation of the mental representation of caregiving scale. *Journal of Individual Differences*, 28, 227-239. doi: 10.1027/1614-0001.28.4.227
- Rholes, W. R., Simpson, J. A., Blakely, B. S., Lanigan, L., & Allen, E. A. (1997). Adult attachment styles, the desire to have children, and working models of parenthood. *Journal of personality*, 65, 357-385. doi:10.1111/j.14676494.1997.tb00958.x
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Blakely, B. S. (1995). Adult attachment styles and mothers' relationships with their young children. *Personal Relationships*, 2, 35-54. doi: 10.1111/j.1475-6811.1995.tb00076.x
- Rijken, A. J., & Liefbroer, A. C. (2009a). Influences of the family of origin on the timing and quantum of fertility in the Netherlands. *Population studies*, 63, 71-85. doi:org/10.1080/00324720802621575

- Rijken, A. J., & Liefbroer, A. C. (2009b). The influence of partner relationship quality on fertility. *European Journal of Population/Revue européenne de Démographie*, *25*, 27-44. doi:10.1007/s10680-0089156-8
- Roberts, E., Metcalfe, A., Jack, M., & Tough, S. C. (2011). Factors that influence the childbearing intentions of Canadian men. *Human Reproduction*, *26*, 1202-1208. doi:10.1093/humrep/der007
- Santos, T. A., Melo, C., Macedo, A. & Moura-Ramos, M. (2017). *Are women and men well informed about fertility? Childbearing intentions, Fertility knowledge and information gathering sources in Portugal*. (Manuscript submitted for publication)
- Schoen, R., Astone, N. M., Kim, Y. J., Nathanson, C. A., & Fields, J. M. (1999). Do fertility intentions affect Fertility behavior?. *Journal of Marriage and the Family*, *61*, 790-799. doi:10.2307/353578
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of personality and social psychology*, *59*, 971-980. doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.971
- Sol Olafsdottir, H., Wikland, M., & Möller, A. (2011). Reasoning about timing of wanting a child: A qualitative study of Nordic couples from fertility clinics. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *29*, 493-505. doi:10.1080/02646838.2011.635298
- Sørensen, N. O., Marcussen, S., Backhausen, M. G., Juhl, M., Schmidt, L., Tydén, T., & Hegaard, H. K. (2016). Fertility awareness and attitudes towards parenthood among Danish university college students. *Reproductive Health*, *13*, 1- 10. doi:10.1186/s12978-016-0258-1
- Stöbel-Richter, Y., Beutel, M. E., Finck, C., & Brähler, E. (2005). The wish to have a child, childlessness and infertility in Germany. *Human Reproduction*, *20*, 2850-2857. doi.org/10.1093/humrep/dei121
- Tanskanen, A., & Rotkirch, A. (2014). The impact of grandparental investment on mothers' fertility intentions in four European countries. *Demographic Research*, *31*, 1-26. doi:10.4054/DemRes.2014.31.1
- Testa, M. R., & Gietel-Basten, S. (2014). Certainty of meeting Fertility intentions declines in Europe during the 'Great Recession'. *Demographic Research*, *31*, 687-734. doi:10.4054/DemRes.2014.31.23
- Thomese, F., & Liefbroer, A. C. (2013). Child care and child births: The role of grandparents in the Netherlands. *Journal of Marriage and Family*, *75*, 403-421. doi:10.1111/jomf.12005
- Thomson, E. (1997). Couple childbearing desires, intentions, and births. *Demography*, *34*, 343-354. doi:10.2307/3038288

- Thomson, E., McDonald, E., & Bumpass, L. L. (1990). Fertility desires and fertility: Hers, his, and theirs. *Demography*, 27, 579-588. doi:10.2307/2061571
- Tretjakova, I., & Mihailova, S. (2016). Childhood emotional experience within the family relation to the current partnership and the desire to have children. *In SHS Web of Conferences (30). EDP Sciences*. doi:10.1051/shsconf/20163000003
- Van Balen, F., & Trimbos-Kemper, T. C. (1994). Involuntarily childless couples: their desire to have children and their motives. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 16, 137-144. doi:10.3109/01674829509024462
- Wheelock, J., & Jones, K. (2002). 'Grandparents are the next best thing': Informal childcare for working parents in urban Britain. *Journal of Social Policy*, 31, 441-463. doi:10.1017/S0047279402006657
- White, L., & McQuillan, J. (2006). No longer intending: The relationship between relinquished fertility intentions and distress. *Journal of Marriage and Family*, 68, 478-490. doi: 10.1111/j.1741-3737.2006.00266.x